

## O PROFESSOR COMO MEDIADOR NAS AULAS DE PORTUGUÊS PARA MILITARES ESTRANGEIROS: A PRÁTICA DE JOGOS PEDAGÓGICOS

MONIQUE P. DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo traz uma reflexão a respeito do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa para militares estrangeiros que participam do Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME)<sup>2</sup> e Estágio de Idioma Português e Ambientação (EIPA)<sup>3</sup> para Militares das Nações Amigas (Exército, Marinha e Força Aérea) no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx). Partindo da proposta do curso e estágio em verificar as difusões da comunicação e linguagem de acordo com a inferência na linguagem falada e escrita, aplicando as habilidades de compreensão auditiva, compreensão leitora, expressão oral e expressão escrita, com base na gramática da língua portuguesa e em propiciar a ambientação à cultura brasileira e ao contexto militar das Forças Armadas do Brasil, apresentam-se alguns desafios de cunho pedagógico para a apropriação dessa linguagem.

**Palavras-Chaves:** Militares estrangeiros. Português como Língua Estrangeira. Jogo pedagógico. Ensino-aprendizagem.

### ABSTRACT

The following study brings a reflexion about teaching and learning of portuguese language for foreign military who attend the portuguese course for foreign military (Curso de Português para Militares Estrangeiros- CPME) and internship of portuguese language and ambientation

1. Mestranda em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Pós- Graduada em Planejamento, Implementação e Gestão de Cursos a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Letras e especialista em Língua Portuguesa. 2º Tenente do Exército Brasileiro, atua como professora de português para Militares Estrangeiros no Centro de Idiomas do Exército (CIdEx). E-mail: monique.letras@hotmail.com.
2. Curso de Português para Militares Estrangeiros (CPME) com a duração de até 34 semanas. Sendo de interesse do Exército Brasileiro (EB), pode-se aceitar o Militar da Nação Amiga (MNA) que tenha pouco ou nenhum conhecimento do idioma português como língua estrangeira, implicando, neste caso, que este seja matriculado, obrigatoriamente, no CPME.
3. Estágio do Idioma Português e Ambientação (EIPA) com a duração de 9 semanas. É necessário o conhecimento prévio do idioma português como língua estrangeira, por parte do militar indicado pela Nação Amiga (NA).

(Estágio de Idioma Português e Ambientação - EIPA) for fellow military countries (army, navy and airforce) at the CidEx (Army Language Center). On the assumption of the course in checking language and communication diffusion according with inference in spoken and written language, applying listening, reading, oral and written abilities based on portuguese grammar and providing brazilian culture ambientation and in the context of brazilian army, some pedagogical issues may be shown towards the appropriation of such language.

**Key words:** Foreign military. Portuguese as a foreign language. Pedagogical puzzle. Teaching - learning.

## INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa falada e escrita tem sido objeto de estudo de muitos linguistas, especialmente por apresentar muitas variações e adaptações quando pronunciada. Isso porque para se determinar uma condição socioeducacional com estudos linguísticos relevantes à época atual, há de se ter muito dos lexicais pilares atemporais (CAGLIARI, 1990, p. 48). O ensinar a ler, a escrever, a compreender e a interpretar a língua portuguesa para um aluno estrangeiro ou nativo evidencia a importância do estudo da variedade linguística, não deixando de caracterizá-la como parte importante da Gramática Normativa.

Este estudo tem como objetivo compreender e refletir a importância dos jogos pedagógicos em sala de aula para o desenvolvimento do militar estrangeiro em diversas atividades. A escolha do tema justifica-se pelo fato que os jogos são relevantes como recurso pedagógico e contribuem no desenvolvimento de ensino e aprendizagem do aluno, auxiliando-o de forma significativa.

O professor como mediador linguístico pode fazer uso de jogos educativos como recurso didático em suas aulas, pois no planejamento das atividades, devem-se considerar os objetivos a serem atingidos. O professor do MNA<sup>4</sup> deve atuar como mediador no processo de ensino e aprendizagem, sempre com um olhar atento aos jogos e brincadeiras, de forma que atendam às necessidades individuais e coletivas de cada militar estrangeiro, de acordo com a nacionalidade dos militares, respeitando a particularidade de cada um. Os jogos proporcionam o desenvolvimento dos aspectos afetivo, motor, cognitivo e social do aluno e trabalham as cinco habilidades.

Desta forma, compreende-se que o ensino da língua portuguesa brasileira para os militares estrangeiros, possui relação recíproca voltada para uma consciência de cultura civil, pedagógica e militar, presentes nos cinco continentes. Há uma dimensão sem fronteiras, onde Exército, Marinha

---

4. MNA - Militar da Nação Amiga

e Força Aérea, juntos, possuem diferentes visões, em que a língua como apropriação cultural e linguística está sempre presente.

Desta forma, compreende-se que o ensino da língua portuguesa brasileira para os militares estrangeiros, possui relação recíproca voltada para uma consciência de cultura civil, pedagógica e militar, presentes nos cinco continentes. Há uma dimensão sem fronteiras, onde Exército, Marinha e Força Aérea, juntos, possuem diferentes visões, em que a língua como apropriação cultural e linguística está sempre presente.

A partir do exposto, apresenta-se neste estudo uma discussão sobre o ensino da Língua Portuguesa para militares estrangeiros oferecido pelo CIdEx, considerando especialmente, os desafios culturais e linguísticos presentes no processo de ensino-aprendizagem dessa língua. Também será abordado o conceito do jogo aplicado, as características e a importância destes para o desenvolvimento do MNA, uma vez que direciona caminhos e possibilidades para o educador utilizá-los como recurso no processo educativo.

Assim, o ensino e aprendizagem da língua portuguesa falada no Brasil vai exigir do futuro falante conhecer o universo dos brasileiros oriundos das cinco regiões (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul) do país e conhecer algumas das variações linguísticas e com ela o preconceito linguístico para que possa apropriar-se da língua em seus diversos aspectos.

## 1 PROFESSOR DE PLE, UM MEDIADOR CULTURAL

Neste curso, o professor de Português como Língua Estrangeira (PLE) para os Militares das Nações Amigas assume o papel de um mediador no processo ensino-aprendizagem e cultural. O trabalho pedagógico desenvolvido com alunos/militares estrangeiros exige do professor-mediador ir além da sala de aula, pois, é necessário conhecer e compreender a cultura e a individualidade de cada aluno. Assim, em sala de aula trabalha-se o aspecto pluricultural, visto que se trata de militares de diversos países.

A realidade da sala de aula não ocorre de maneira tão “perfeita” quanto na teoria, fazendo com que uma mistura de métodos e abordagens se torne necessária, dependendo da realidade do professor. É por isso que acreditamos que o professor deve ter autonomia para escolher o caminho que prefere seguir (MOROSOV; MARTINEZ, 2012, p.19).

Compreende-se que trabalhar com o idioma português para estrangeiro é diferente de trabalhar com nativos que têm o português como língua materna. Nessa perspectiva, faz-se necessária a ampliação de conhecimento sobre o tema em relação ao PLE em um curso que reúne militares estrangeiros de diversas nações, cuja língua traz as marcas de sua cultura.

Então, parte-se do pressuposto que a aprendizagem de uma nova língua implica vivenciar novas experiências culturais, históricas e sociais. No caso das aulas de PLE, muitas vezes, inicialmente, a língua inglesa é usada na comunicação entre professor e alunos, considerando que se trata de alunos, na maioria dos casos, falantes de idiomas considerados exóticos, como: árabe, russo, vietnamita, hangul, urdu, mandarim, etc.

Nesse contexto tão marcado pela diversidade, no processo ensino-aprendizagem de PLE, o professor, tal como defendido por Bizarro e Braga (2004), tem de se assumir como um agente de ensino, pensante e atuante, mediador cultural por excelência, que congregue em si, para além de uma sólida competência pedagógica, uma atitude positiva de relacionamento interracial, intercultural, intersocial, uma consciência refletida da sua própria identificação cultural e um conhecimento adequado do modo de interagir com a diferença.

O conhecimento da língua portuguesa não garante uma comunicação eficaz, pois existem diferenças culturais e a mensagem pode ser interpretada de outra forma. Assim, o professor como mediador vai precisar conhecer a cultura de cada país para poder aproximar o aluno estrangeiro à cultura brasileira e, por consequência, da língua portuguesa de modo mais significativo.

De acordo com Porcher (1996, p. 4), “a comunicação em língua estrangeira não se prende só à aprendizagem da língua. Mais que isso, não existe nenhuma objetividade se o ensino não se associa às competências culturais e interculturais”. Nessa perspectiva, o foco do ensino da língua portuguesa para militares estrangeiros concentra-se fundamentalmente na comunicação. Essa comunicação diária pode ocorrer de formas muito diversificadas desde os sons das palavras ou seus desenhos até resumir-se em oralidade e escrita respectivamente. Da mesma forma, também pode ocorrer à comunicação por meio de signos<sup>5</sup> ou outros códigos linguísticos. O fato é que só existirá comunicação se a mensagem transmitida for recebida e compreendida.

Nesse cenário, de acordo com Richards (2007), os princípios que regem, atualmente, a abordagem comunicativa podem ser resumidos nos seguintes itens:

- Fazer da comunicação real o foco da aprendizagem da língua;

---

5. Os signos são os sinais que o homem produz quando fala ou escreve. Ao produzir signos os homens estão produzindo a própria vida: com eles, o homem se comunica, representa seus pensamentos, exerce seu poder, elabora sua cultura e sua identidade, etc.

- Oferecer aos alunos oportunidades para que experimentem e ponham a prova o que aprenderam;
- Ser tolerante em relação aos erros dos alunos, já que indicam que eles estão construindo a sua própria competência comunicativa;
- Oferecer aos alunos oportunidades para o desenvolvimento tanto da precisão como da fluência no idioma;
- Relacionar as diferentes habilidades, uma vez que elas atuam de forma conjunta no mundo real; e
- Deixar que os alunos aprendam as regras gramaticais por meio do processo de indução ou de descobrimento.

Segundo Laraia (2006, p. 52), a comunicação é “um processo cultural” em que “a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral.” Assim sendo, cultura, língua e comunicação estão intrinsecamente relacionadas, uma vez que a língua, cujo objetivo é o ato comunicativo, se alicerça no contexto de um ambiente cultural particular. Ou seja, o modo como os indivíduos agem, pensam, sentem, acreditam, é-lhes transmitido na sua totalidade por meio de mensagens verbais e não-verbais de acordo com os pressupostos de determinada sociedade (CANTONI, 2005).

Portanto, defende-se que o professor de PLE para militares estrangeiros deve estar atento à complexidade da aquisição da competência intercultural, uma vez que é um processo gradativo. Nessa linha, o esquema apresentado por Meyer (1991), referido por Moreira (2013), distingue três níveis que ajudam a entender em que grau de interculturalidade o aluno se posiciona e de que forma o professor pode orientar o seu trabalho:

- Nível monocultural: neste nível, o aprendente baseia-se mentalmente na sua própria cultura, servindo-se dela para ver e interpretar a cultura estrangeira, prevalecendo, assim, os tópicos, os preconceitos e os estereótipos. Há como que um efeito de “espelho”, no qual se observa a outra cultura à luz da nossa própria cultura;
- Nível intercultural: o aprendente está mentalmente situado entre as duas culturas. O conhecimento que tem da cultura estrangeira permite-lhe comparar ambas e possui suficientes recursos para explicar as diferenças culturais;
- Nível transcultural: o aprendente conhece bem as duas culturas, sendo capaz de distanciar-se e colocar-se numa situação de mediador entre as duas. É capaz de se afastar da sua forma habitual de ver o que o rodeia, para poder adotar pontos de

vista alheios, sem renunciar à sua própria identidade cultural (MOREIRA, 2013, p. 17).

Partindo dessa perspectiva, sustenta-se que o docente do CPME e EIPA que trabalha em turmas pluriculturais, precisa proporcionar uma formação além da sala de aula e do livro didático, intercultural, em que a troca de saberes entre as culturas seja uma realidade, e que o desenvolvimento cultural se expresse na capacidade de estabelecer diferenças e respeitar a cultura do outro, assumindo-se como um mediador da aprendizagem da língua portuguesa para esses alunos.

## 2 O ENSINO - APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS

Para o processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira que tenha como objetivo central a interação social entre os falantes (nativos e estrangeiros) são necessários, além de conhecimentos linguísticos e funcionais, conhecimentos pragmáticos relacionados ao entorno cultural e social da língua que se quer acessar. De acordo com Furtado (2006), cultura e língua são elementos indissociáveis, uma vez que para a aquisição real de uma determinada língua-alvo faz-se necessária uma especial atenção aos aspectos cotidianos da comunidade de falantes estudada.

Estudiosos detectam entre tais fenômenos que a linguagem é uma habilidade humana determinada biologicamente; e a língua é um conjunto de signos e regras que se combinam entre eles, cujos significados são socialmente convencionados; e que a exposição do indivíduo, ainda na tenra idade, a um ambiente linguístico é essencial para o pleno desenvolvimento da linguagem. Desta forma, língua e linguagem são fenômenos que fazem do homem um ser de interação sociocultural (FURTADO, 2006, p. 92).

No livro *Língua Portuguesa e Didática* (SELBACH, 2010, p.50), a autora defende que para se ensinar a língua e produzir a mágica de uma aprendizagem significativa e uma capacidade de expressão oral e escrita significativamente satisfatória é essencial que três “personagens” estejam bem articulados:

- O aluno que com os saberes que conhece é o sujeito de seu processo de aprendizagem.
- Os conteúdos conceituais ou conhecimentos que constituem fundamentos que transformarão o aluno no domínio de sua linguagem.
- O professor que deverá organizar a mediação entre o aluno e os conhecimentos. Sua

ação é “ensinar” e, portanto, não transferir informações, mas ajudar o aluno a aprendê-las de maneira significativa.

Essa concepção de ensino-aprendizagem de língua pressupõe que o discente deve refletir sobre a realidade social e cultural em que se desenvolve o discurso, assim como perceber as formas de interagir nas distintas situações comunicativas.

A Língua Portuguesa tem um vasto conteúdo de variação linguística e isso contribui para que aconteçam distúrbios de comunicação e de linguagem, visto que, para ser um bom produtor de texto, considerando precisão na comunicação, tem de ser um bom conhecedor da gramática textual e dominar as competências supracitadas (MOITA LOPES, 1996). Na mesma linha, Moreira (1999, p. 115) sustenta que: “É certo que há duas maneiras básicas de se adquirir conhecimento, através da experiência e através das linguagens. E o conhecimento que se adquire através das linguagens pode auxiliar ao desenvolvimento de novos conhecimentos sucessivamente”.

Para esse autor, o falante, adquire conhecimento a partir do conhecimento de mundo e por meio da leitura, desta forma, conquista novos saberes. Contudo, é necessário fazer um julgamento do que se lê, se escreve ou se fala para que possíveis dificuldades no uso da Língua sejam minimizadas.

Além de acompanhar o desenvolvimento social do meio em que vive para se relacionar de forma precisa à contemporaneidade, pois, ao longo de algumas décadas, palavras tomam significados diferenciados e acordados entre grupos sociais ou toponímicos<sup>6</sup>.

Língua, linguagem e fala são conceitos que parecem, mas agem de forma diferente no processo de comunicação. Enquanto a linguagem é uma capacidade específica do ser humano, pois intencionalmente ou não, ela pode ser utilizada de forma verbal ou escrita para transmitir informações, opiniões, sentimentos. Nesse sentido, torna-se importante a forma de comunicação individual utilizando a linguagem verbal para que o sujeito possa se expressar. Entretanto, quando se trata de um conjunto de códigos, vocabulário e regras de combinação previamente estabelecidas, que possibilitam a compreensão da mensagem, refere-se à língua específica de determinada região ou país.

Nessa perspectiva, Bakhtin (1997) aponta que a comunicação é indispensável para os seres humanos. Ela pode se dar por meio de diversas manifestações linguísticas, como a escrita, a oralidade, os sons, os gestos, as expressões fisionômicas etc. Segundo esse autor, tais

---

6. Se refere à TOPONÍMIA, palavra essa que denomina o estudo etimológico dos TOPÔNIMOS, que vem a ser entendido como um nome próprio de lugar.

manifestações são bastante diversificadas, pois estão relacionadas às muitas esferas da atividade humana.

Os componentes da comunicação (linguagem, língua e fala) são marcados por aspectos culturais que devem ser considerados sob dois pontos: o primeiro é o impacto inicial com o encontro cultural do MNA que pertence a diferentes países num mesmo espaço físico onde construirão um novo conhecimento linguístico e de mundo. Esse impacto é sentido por docentes, discentes e todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Há, nesse ponto, não somente as questões dos mais variados idiomas, mas ocorre um segundo choque cultural e linguístico quando os alunos identificam que o português brasileiro não é único, e sim se difere nas cinco regiões do Brasil e nessas também há especificidades. Um exemplo marcante é a fala do carioca e do mineiro, diferentes entre si, mesmo fazendo parte da região sudeste do mesmo país.

Logo, o processo de aquisição de uma nova língua não deve se dar isoladamente visto que caracteriza um momento cultural e social com consequentes resultados na construção da relação semântica ao discente. É fundamental ratificar que o ensino da cultura brasileira e da cultura militar do Brasil não é meramente aula de uma história por si só. É necessário que seja um pano de fundo no qual os valores e as tradições agreguem sentido às palavras e à construção de conhecimento.

Portanto, o ensinar a ler, a escrever, a compreender e a interpretar a língua portuguesa para aluno estrangeiro ou nativo evidencia a importância do estudo da variedade linguística local como parte importante da Gramática Normativa. A língua e a cultura com suas variações e diversidades precisam dialogar o tempo todo para que o aluno possa construir conhecimento linguístico necessário à sua comunicação, sendo, portanto, Língua e Cultura elementos indissociáveis.

### **3 O PAPEL DO PROFESSOR-MEDIADOR E OS JOGOS PEDAGÓGICOS**

Conforme Vygotsky (1998) jogar não é estudar nem trabalhar, porque jogando, o aluno aprende, sobretudo, a conhecer e compreender o mundo social que o rodeia. Ou seja, o lúdico e a prática de jogos em sala de aula são imprescindíveis para o desenvolvimento do aluno. O professor deve preocupar-se com esse tipo de atividade dentro do seu planejamento. Quando pensamos na importância de ensinar português para o militar estrangeiro, queremos que eles desenvolvam uma comunicação para diversos contextos e aprendam a tomar iniciativas, decisões, fazer escolhas, lidar com as perguntas do dia a dia (contexto civil e militar). Acredita-se que é



assim o ensino na pós-modernidade: “o indivíduo deve estar preparado para mudar de atitude diante das construções de significados, das pessoas e do mundo.” De acordo com Morosov e Matinez (2012, p.150) saber entender os momentos em que é capaz de mudar as relações estabelecidas através de suas atividades porque é sujeito, mas também entender os momentos em que é preciso aceitar sua posição de objeto. A educação da complexidade e da agência quer ensinar professores e educandos a aprenderem a buscar autonomia, a se assumirem no mundo, assim como acreditava Freire (2000).

Ao preparar uma atividade envolvendo jogo pedagógico, o professor-mediador, deve buscar metodologias que possam promover a interação e a comunicação com o aluno. Dessa forma, o professor não deve pensar somente no espaço para realização do jogo por entretenimento; é necessário conhecer e estudar o jogo para saber como interagir e intervir para alcançar o objetivo esperado. Com isso, no final da atividade, o mediador deve preparar um momento para ouvir os alunos na expressão de suas ideias, opiniões e experiências culturais e linguísticas adquiridas, seja individual ou coletivamente.

### 3.1 Jogo pedagógico aplicado: desafio das palavras



Figura 1 - Alfabeto  
Fonte: Google imagens.

Foi apresentado o jogo “desafio das palavras” a aluna Sul Coreana, militar com o idioma considerado exótico, pois era a aluna que tinha mais dificuldade, visto que não compreendia o idioma português e o inglês, idioma que serve de apoio nas primeiras semanas quando o aluno não conhece o nosso idioma. O idioma da militar é composto de símbolos, chamado de hangul<sup>7</sup>, que é um alfabeto fonético utilizado na Coreia do Sul. Dessa maneira,

fui apresentando o nosso alfabeto com auxílio do jogo e, aos poucos, a aluna foi conhecendo e repetindo o som de cada letra.

6. Hangul ou hangeul em romanização recente (em coreano: 한글) é o alfabeto utilizado na escrita da língua coreana. Cada bloco silábico do hangul consiste de no mínimo duas e no máximo cinco entre 24 letras, das quais 14 são consoantes e 10 são vogais.

Durante o decorrer do EIPA, foi apresentado o jogo para analisar até que ponto os jogos pedagógicos facilitam no processo de aprendizagem e alfabetização do aluno estrangeiro que tem pouco conhecimento ou nenhum do idioma português. Antes de trabalhar qualquer conteúdo com a aluna que não tinha conhecimento da língua, apresentei o jogo “desafio das palavras”, tal jogo, estimulou a militar em assimilar o conteúdo “brincando”. Foi trabalhado em 9 semanas (tempo de aula do estágio), em duas semanas de estágio a aluna já conseguia formar palavras, como exemplo: Monike (Monique), bala, casa, Rio de Janeiro, etc. Quando o estágio completou um mês a aluna já se comunicava, mesmo que de uma maneira mais lenta, porém conseguia entender o que os amigos de sala e eu falávamos (mesmo que pausadamente). Ao ver seu próprio crescimento a aluna pediu o jogo emprestado para exercitar-se no alojamento, todos os dias a militar mostrava novas palavras. Inclusive, praticamos em sala de aula com todos os alunos, de acordo com a regra do jogo que veremos a seguir, foi um sucesso!

1º Deixar a roleta em frente aos participantes (alunos).

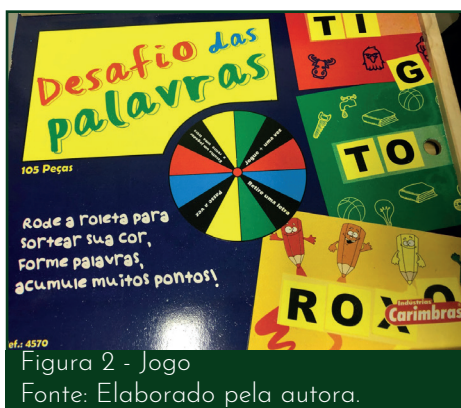


Figura 2 - Jogo  
Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 3 - Jogo  
Fonte: Elaborado pela autora.

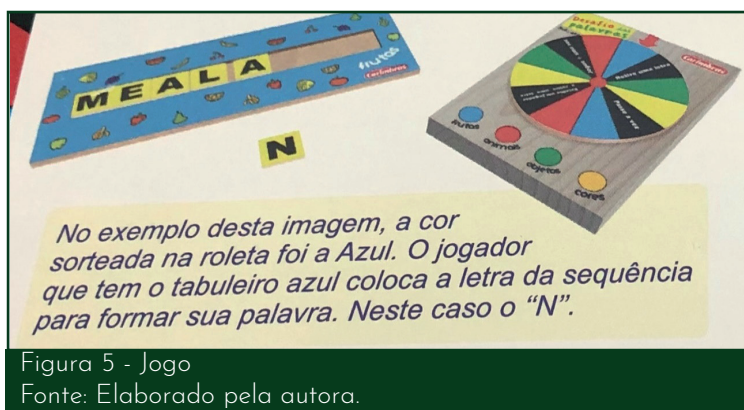
2º Espalhar os cubos com as letras para cima para melhor visualização. Cada participante escolhe um tabuleiro com um dos temas:



Figura 4 - Jogo  
Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4 REGRAS DO JOGO:

Sortear para ver quem começa o jogo. O participante sorteado começa girando a roleta. A cor que parar na roleta é que define o participante que vai poder colocar uma letra para formar uma palavra do tema do tabuleiro.



O segundo participante da direita continua o jogo, girando a roleta. Assim segue o jogo até cada participante formar 05 palavras. Quando formar uma palavra, retirar as letras do tabuleiro e junte com os demais. Anotar a palavra formada em um papel para contagem dos pontos. O participante que já formou as suas palavras aguarda os demais formar.

#### Pontos:

|                   |                     |                 |
|-------------------|---------------------|-----------------|
| VOGAS             | A, E, I, O, U       | VALEM 05 PONTOS |
| CONSOANTES        | Q, Y, K, W, X, Ç, Z | 15 PONTOS       |
| DEMAIS CONSOANTES | -                   | 10 PONTOS       |

Quadro 1 - Pontuação do jogo aplicado.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quem conseguir mais pontos das 05 palavras formadas ganha o jogo.

#### O que esse jogo trabalha:

- Discriminação visual;
- Classificação das letras;

- Concentração a atenção;
- Enriquecimento do aprendizado;
- Formação de palavras;
- Associação de ideias;
- Criatividade.

O jogo desafio das palavras tem como objetivo conhecer o alfabeto e trabalhar a construção de palavras através do alfabeto móvel. Cada aluno forma palavras nos tabuleiros, de acordo com o tema escolhido e estudado. Logo, por meio desse jogo os alunos perceberam como é formado o alfabeto da língua portuguesa, quantidades de letras (consoantes e vogais) e formação de palavras. Dessa maneira, de forma contínua, a aluna coreana pesquisou diariamente novas palavras e seus significados, facilitando mais ainda o processo de ensino-aprendizagem “alfabetização” da militar.

## CONCLUSÃO

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008) defendem a ideia de que a aprendizagem de uma língua estrangeira deve proporcionar ao aprendiz a compreensão de que há uma heterogeneidade no uso da linguagem nos níveis contextual, social, cultural e histórico e, por isso, é importante fazer com que os alunos compreendam que há diversos modos de categorizar e de expressar a experiência humana de realizar interações sociais por meio da linguagem. A inclusão da competência cultural nas aulas de português é fundamental, pois contribui de forma positiva para o processo ensino-aprendizagem do português como Língua Estrangeira.

Nessa linha, assume-se que cultura e língua são elementos indissociáveis, uma vez que para a aquisição real de uma determinada língua-alvo, exige-se uma especial atenção aos aspectos cotidianos da comunidade de falantes estudada. Essa concepção de ensino/aprendizagem de língua pressupõe que o aluno deve refletir sobre a realidade social e cultural em que se desenvolve o discurso, assim como as formas de interagir nas distintas situações comunicativas.

Portanto, neste estudo, defendeu-se a importância dos conteúdos culturais serem trabalhados nas aulas, aos poucos, contextualizados em situações concretas sem desvincular-se dos conteúdos linguísticos, permitindo que os alunos militares estrangeiros possam observar e dessa forma relativizar sobre as condutas que podem ser adotadas em cada uma das situações por eles vividas nos diversos contextos de uso da língua. Também teve como finalidade analisar a importância dos jogos pedagógicos como recurso no desenvolvimento linguístico do militar na prática das atividades.

Portanto, o processo de ensino-aprendizagem de PLE, exige dos alunos envolvidos uma imersão no contexto que possibilite a comunicação e a construção de sentidos a partir das experiências por cada um vivida e do professor assumir-se como mediador nesse processo. De modo a aproximar mais significativamente os alunos da língua portuguesa e do contexto onde essa é usada.

---

**Como citar este artigo:** OLIVEIRA, Monique. O professor como mediador nas aulas de Português para militares estrangeiros: a prática de jogos pedagógicos. **Rev. Silva**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 19-32, jan.-jun. 2019.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**: os gêneros do discurso. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Portaria nº 410-EME**, de 24 de agosto de 2016 - Republicação. Aprova a Diretriz para Elaboração do Plano de Cursos e Estágios para Militares Estrangeiros no Exército Brasileiro (PCEMEEB). Brasília-DF, 21 de outubro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens códigos e suas tecnologias**. Vol.1. Brasília: MEC/SEB, 2008.

BIZARRO, R.; BRAGA, F. **Educação intercultural, competência plurilíngue e competência pluricultural**: novos desafios para a formação de professores de Língua Estrangeira. Estudos em homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004. p. 57-70.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

CANTONI, M. G. **A interculturalidade no ensino de línguas estrangeiras**: uma preparação para o ensino pluricultural o caso do ensino de língua italiana. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, C. M. N. M. **Língua - Sociedade - Cultura**: uma relação indissociável. João Pessoa: Principia. 2006

LARAIA, R. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOREIRA, A. **A componente cultural na aula de Espanhol/Língua Estrangeira**. 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Dissertação (Mestrado em Espanhol como Língua Estrangeira) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013.

MOROSOV, I.; MARTINEZ, J. Z. **A Didática do Ensino e a Avaliação da Aprendizagem em Línguas Estrangeiras**. Campinas: Intersaberes, 2012.

PORCHER, Louis. Cultures... culture. **Le Français dans le monde** - Recherches et applications. Paris: Hachette EDICEF, Janvier 1996, numéro spécial.

RICHARDS, J. C. **La enseñanza comunicativa de lenguas extranjeras**. Portafolio SBS 3: Reflexiones sobre la enseñanza de idiomas. Trad. Mariela Reggiani. São Paulo: SBS, 2007

SELBACH, S. **Língua portuguesa e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6 ed. Rio de Janeiro: ZAHAR editores, 1998.